

PROJETO NURC

INQUÉRITO BR/RE Nº 36

BOBINA BR/RE Nº 12

PISTA 1 (30 - 490)

TIPO DE INQUÉRITO : DID

DURAÇÃO : 40 minutos

AREA 7 : A Cidade. O Comércio

INFORMANTE : Nº 44

SEXO : F

IDADE : 3a. faixa

DATA : 06/10/77

DOCUMENTADORES : Edileuza Dourado

Núbia Borges

GRAVADOR : PHILLIPS 4414

CONDIÇÕES TÉCNICAS DO REGISTRO : Ruídos ocasionais

— Bem, eu sou recifense, por isso vocês me trouxeram aqui, vivi a vida toda, tenho tido oportunidade de sair, mas como é que eu posso viver fora daqui? Nasci num... só no Recife, como num bairro, único bairro, vivi sempre em torno da rua do Paissandu, em torno da igreja do Salesiano. Então as ruas, rua do Doña Benvinda, por exemplo, Chora Menino, e uma das coisas de Recife que me agradam mais, essa num sei por que milagre, essa mania de guardar o nome de ruas, são os nomes de ruas bonitos de Recife, Rua da União, onde morava minha (a)vó, e por isso eu sempre me, me, pensei que tinha alguma ligação com Manuel Bandeira e pensei que tinha alguma ligação com a poesia, triste engano. Recife também tem aquele outro aspecto que eu gosto muito de conhecer: a, a organização urbana da cidade. Sempre ouvi meu irmão, que é urbanista, falar nas cinco, a semelhança com a palma da mão, a antiga, a antiga baía que era o centro, a entrada do Recife, e que hoje tomou a forma da, da Praça Rio Branco, lá no centro. E houve então aquelas cinco entradas eu gosto de identificar. Não sei qual é o dedo mindinho que vai dar em Olinda; o outro dedo que vai dar em Casa Amarela; o outro que vai, vem chega até por essas bandas

da Várzea, num sei bem. Recife é cidade que sobe das águas,, Recife é a cidade dos rios, Capibaribe também foi tão bom e tão ruim ao mesmo tempo, porque faz o Recife tão bonito e ao mesmo tempo, de vez em quando, se zanga com o Recife. Me lembro das cheias, que hoje não é mais só a cheia do pobre, porque cheia me lembra mangue e me lembra a casa do meu avô, que dava pro mangue, que a gente havia, morava na Madalena, mas praticamente morava também em Afogados. Bons tempos de Recife, que num tinha se aterrado ainda todo, de modo que a gente avistava e ouvi, parecia que o Largo da Paz era o nosso vizinho, apesar de morarmos no Paissandu. Eu sempre digo que maruim num me, num me ataca porque sabe que eu sou moleca de mangue, mesmo, vivi a vida toda e somente, só porque eu era menina e por isso num pegava caranguejo, porque menina naquele tempo num pegava caranguejo, mas meus, meu irmão, meus primos todos tinham sua criação de caranguejo, criavam caranguejo porque havia mangue no fundo da minha casa, havia coqueiro, havia mangueira. Outra coisa, outra beleza de que Recife também vai perdendo... Ainda agora mesmo, na minha rua, derrubaram uma árvore. A árvore tava realmente muito doente, precisava morrer, mas devia ter

sido substituída, mas derrubaram a árvore e não não botaram
ainda outra, apesar de minhas telefonemas para a Prefeitura.
Então eu me lembrei, lembro que a minha rua, onde eu moro
atualmente há trinta anos, ela foi arborizada simplesmente
porque a filha do governador casou e foi morar na minha rua.
RISO; Isso me faz lembrar Recife a cidade dos privilégios, a
cidade terrível que a gente vive, come, vive bem e vê ao nosso
lado pessoas que vivem mal. Na minha rua, por exemplo, tem
recifenses que vêm todo dia de manhã catar o, o lixo da rua e
como nossa casa é aberta pra frente e muito aberta por causa da
ventilação, então lá vem a tragédia da gente num poder comer
descansado porque o coração constrange, tantas vezes, tanta
gente que vem pedir comida e a gente num tem, num tem coragem
de dizer não e fica aí a empregada se zanga e fica zangada
porque tem que atender aos de casa e aos de fora. Eu falei
aqui em ventilação, num é? Num posso falar em Recife, sem falar
na brisa, sempre defendi fora daqui a idéia que Recife não tem
calor porque tem a brisa e realmente se a gente tá num lado
fresco e se a gente tá com uma árvore, a gente nunca sente
muito calor no Recife. Num tem aquele calor terrível de outras

idades tropicais, o próprio Rio de Janeiro, e até que eu gosto.

[ININT. de ruas, de prédios.]

— Sim, ah! Bom, os prédios, os prédios antigos do Recife a a rua do Benfica e a Ponte D'Uchoa e outras zonas em que as famílias antigas moravam, e que eu gosto de, sempre tive um gosto de conversar com as pessoas mais velhas ainda da minha família e o colégio... há pouco tempo tive emoção muito grande, porque fui, apesar de de saber que a família de minha (a)vó era de Ponte D'Uchoa eu nunca soube exatamente qual era o prédio, qual era a casa onde ela morava, e depo... há pouco tempo foi que eu resolvi indig, indagar e soube que era o Agnes ININT. Então eu entrei no Agnes e comecei a ver como era interessante que a casa onde vovó tinha passado a infância era exatamente a mesma casa onde ela tinha vivido depois de velha. Quando ela pôde comprar uma casa, ela comprou uma casa na Rua da União, mas que era igualzinha, as divisões eram as mesmas, o tipo de parede, o tipo de janela, tudo era igual a ca... a ca... ao núcleo antigo do Agnes Erskine. Outra rua que me impressiona muito com suas casas antigas é a rua do Benfica, que era a a

rua da minha madrinha, então a rua da, a casa onde moravam os avó, os pais dela onde moravam os avós hoje colégio São João, antigamente pensão Lande, aquilo a a casa que depois foi de uma senhora conhecida e que uma vez eu visitei, que era, tinha conservado lindíssima com todas antiguidades. Agora, quantos à arquitetura nova, eu acho que Recife não se desen, desenvolveu, aliás, toda a cidade de Recife, né? Capital da miséria, capi... metrópole do Nordeste miserável, é natural que tenha, teja nessa situação atual, perdendo suas lideranças, tanto em educação como em cultura, no sentido mais amplo, da música, por exemplo, né? Eu fui de um tempo que Recife recebia maiores concertistas. A gente, me lembro quando eu fui à Europa a primeira vez eu vi Rubinstein, eu vi Mary Anderson e eu vi depois aqui no Santa Isabel Rubinstein e Mary Anderson. E hoje não existe mais nem concerto. O Santa Isabel fica fechado. Não há mais porque não há mais nem público para ouvir uma música erudita no Recife, e é natural que seja assim, porque a o Recife cresce, mas cresce na sua zona miserável, cresce na sua população marginais e a população mais culta que poderia compensar a vinda de um pianista hoje, não.

não tem. Então a gente vê com tristeza nos jornais do Sul, chegou um gran, um balé e chegou qualquer coisa e não chega, não vem mais a Recife. Isso não me impressionaria muito, se isso não significasse a o aumento da miséria da nossa cidade. Comércio! Falar em miséria, falar em comércio. É outra coisa que mudou. Antigamente, a gente com... encontrava aqui coisas pra comprar. Por que será que hoje a gente não encontra? É outro fenômeno interessante no comércio do Recife. A gente antigamente tinha a idéia de que as coisas no Sul eram mais baratas, e deviam ser mais baratas porque são feitas no Sul. A indústria é lá. No entanto, hoje, o comércio do Reci, a gente tem a tristeza de comprar uma coisa pertinho da fábrica de São Paulo e chegar aqui encontrar mais barato porque ou se vende barato no Recife ou num se vende, porque o poder/aquisitivo do povo tá diminuindo cada vez mais e o comércio tá diminuindo também, quer dizer, das suas perspectivas de de objetos melhores. Realmente isso também não me impressionaria muito porque eu num acho que Recife deva ser uma cidade de luxo, mas impressiona por, pela situação, pelo que significa de de uma população que vai perdendo seu poder aquisitivo, de uma

classe média que vai se proletarizando, de modo que não sei se eu não conheço mais o comércio de Recife, porque o comércio de Recife hoje está em Boa Viagem. E tinha que passar, o bom comércio de Recife tinha que ir pra Boa Viagem, porque Boa Viagem é o único lugar onde se concentra uma grande população com maior poder aquisitivo, de modo que não sei se é por isso, se eu num, nunca vou a Boa Viagem. Mas se a gente vai, procura alguma coisa mais bonita no, no centro do Recife, o comércio está péssimo, a a apresentação da, das lojas está péssima, no sentido de beleza, porque num num compensa nenhuma des, nenhuma, nenhuma despesa que o comércio faça para apresentação porque a população que frequenta as lojas, possíveis compradores, serão absolutamente incapazes de perceber uma, exigir alguma coisa de apresentação. Que é que vocês querem mais?

[ININT. a iluminação da cidade?]

— A iluminação é a mais irregular possível, né? Porque parece que não há um plano, né? Não há, não há uma um plano de de de governo. Pra falar em plano de governo, a gente aqui na Cidade Universitária, tá havendo um horror dos viadutos

começados e num terminados, prejudicando toda a comunicação. Mas de repente a gente chega numa zona muitíssimo bem iluminada, né? Aqueles altos postes com aquelas tulipas, aqueles ININT. iluminação de mercúrio e tal, e de repente, de de várias cores, que o povo chamou de mertiolate vermelho ou azul, e de repente a gente chega noutra zona de absoluta "black-out". Então a gente fica pensando se durante tanto tempo a gente vai ter esse tipo de governo aleatório, esse tipo de coisa que pra a iluminação provoca certos falatórios dentro de povo: Por que fizeram aquilo? Por que fizeram aquela iluminação tão grande a ponto de haver até um reclamações de quem morava perto, porque não podia nem dormir noite e dia tão iluminada, enquanto outras zonas tão pouco iluminadas? Na minha rua há há uma iluminação bem razoável, apesar de ser uma rua pequena, outro lugares, talvez mais importantes, mais habitado, não tenham iluminação de mercúrio ou tenham iluminação muito fraca. Que é que vocês querem mais?

[Agora, o problema de limpeza. ININT.]

— Ah! limpeza. Bem, a limpeza da cidade da cidade eu não acredito que seja relativamente um fa, um ponto muito fraco,,

que afinal de contas nós ainda te..., pelo menos na minha zona, sempre tivemos um caminhão de lixo passando to... mais ou menos todo dia e levando a, a limpeza, agora os, o lixos. Mas aí então se fala que as ruas são muito sujas porque o povo não é educado. Eu pergunto: como é que o povo do Recife poderia ser educado? A limpeza, se a maioria vive e cresce no mangue, vive e cresce no mocambo, não tem água, então ele num pode nem sentir que é algum inconveniente jogar um papel no chão,, jogar um cigarro no chão. Num tem nenhuma possibilidade de ter essa limpeza tão requintada, então é natural que a cidade seja suja. Mas num acredito também que seja mais suja do que outras cidades do mesmo nível. Acredito que seja mais ou menos a mesma coisa.

[E o serviço de limpeza?]

— O serviço de limpeza? Bem, na minha rua funciona regu... com certa regularidade, a o caminhão do lixo passa, os caminhões até vão se tornando mais sofisticados, às vezes os homens passam de luva e não sei se é porque é Boa Vista,, é zona central. Não sei o que acontece no subúrbio, acredito que não. Muitas ruas não têm esse serviço e as pessoas sejam.

obrigadas a jogar o lixo em qualquer recanto. Na rua mesmo,,
na minha rua mesmo passamos uma época terrível, em que havia
um um terreno desocupado, na esquina, e aí era realmente falta
de cuidado, né? que quando eu quis fazer uma reaçãozinha e
com... conversar com os treze, as trezé, os habitantes da rua
das trezes casas da rua, só são treze, é tive a tristeza de
dizer: "Minha senhora, a empregada da senhora também tá
jogando lixo no, no terreno baldio." Então realmente é é um
pouco difícil a gente controlar isso, a lei do menor esforço, a
falta de de sentido público e existe e como é que o recifense
vai ter sentido público, se não é chamado a participar de
governo nem de dar opinião sobre nada.. Há muito tempo que não
escolhe seu prefeito e nem seu governador, nem coisa nenhuma.
O que é mais?

[Que nome ocê dá ao varredor de rua?]

— Bem, eu acho, eu num chamo gari, não, né? Conheço a
palavra, mas é varredor de rua mesmo que a gente chama, né?
Gari eu acho que não,, apesar de, às vezes, sair no jornal, mas
acho que as pessoas, as pessoas que falam comigo o homem da
limpeza ou homem da prefeitura, varredor, o varredor de rua.

Agora eu sei que tem a palavra gari, têm até o monumento ao gari do, do Recife,, ali na beira do, tem o movimento ao gari na beira do, da Agamenon Magalhães, meu caminho pra Olinda! Tem um movi, um homem com uma vassoura no, acho que é uma vassoura que ele tem no ombro e [ININT. os monumentos, quais os monumentos...]

— Monumentos...

[... que você conhece?]

— Bem, primeiro Joaquim Nabuco,, né? Eu tenho, meu,, meu avô que não era o único avô que não era recifense, viveu a vida toda e e ININT., viveu muito tempo no Recife e foi do Clube do Cupim, e adorava Nabuco. Então eu passo, ainda hoje, eu quando ouço falar em Nabuco, passo na praça Joaquim Nabuco, no monumento Nabuco, eu me lembro dele, apesar da, da, me lembro da, da, do nome dele, da pessoa dele que não conheci. Agora edifícios, me lembro também do edifício da Secretaria da Fazenda, que foi o primeiro edifício funcional feito no Recife,, porque meu irmão trabalhava nisso, na fiscalização e era muito entusiasmado, e um dos passeios do domingo era a gente ver em que pé estava o o monumento, o edifício da, da, da

Fazenda. O monumento da, da praça Maciel Pinheiro, que é também muito bonita, aquela fonte de pedra portuguesa, né? Acabei de passar por um monumento aqui da cidade universitária e ficar mais uma vez chocada com a feiúra desse monumento novo aqui da, como é que se faz à pobre do, do Amazonas um monumento tão feio, porque apesar de, de termos um curso de Arquitetura já há tanto tempo, parece que a pobreza da cidade faz com que o nível arquitetônico da cidade não seja tão bom. Ainda se faz hoje, pessoas em endinheirados, ainda fazem, constroem casa, ela mesma riscando sua, sua planta, imaginando, copiando fachada das revistas, quando há muito tempo, faz muito tempo que eu num vou a Belo Horizonte, o nível já era muito melhor. Isso também foi uma tristeza muito grande, porque arquitetura começou no Recife muito bem com Adal, com Luís Nunes, com e... o prédio da ali da, do Edifício Ouro Branco,, defronte da Sloper, da rua do outro lado, da Rua Nova, defronte da, da Palma. Aquele ali, a aquela zonazinha ali tem um edifício que foi um sentido novo da Arquitetura recifense, a fachada em dente para pegar, captar a célebre brisa recifense e ao lado da, da Conceição dos Militares, né? que é um

monumento barroco. Bem, como igre... igreja barroco é a coisa mais linda do mundo, né? Apesar de num ter a fama da Bahia, Recife tem a Capela Dourada, tem, tem Madre de Deus e tem a Igreja de São Pedro que são obras-primas. Principalmente a Capela Dourada que a gente leva, né? o turista que chega aqui, que, que leva com o maior prazer, porque realmente é um, uma concentração de beleza.

[Você podia descrever internamente a igreja?]

— Descrever o quê?

[Internamente uma igreja.]

— A igreja? Uma igreja qualquer? Bem, a igre, a poderia descrever a Capela Dourada, né? Que é barroco, né? Aquele barroco derramadíssimo, português tropical, que tem milhões de de voltas e fôlheado a ouro, que é já uma das manifestações das riquezas do Brasil colonial, ao meu ver, mal empregada apesar de ser religiosa, e acabe a pintura, os painéis e a a escultura, as imagens e aí a gente podia falar nas imagens que existem espalhadas por toda a cidade, inclusive lá em casa das minhas avós, que são lindíssimas, certos crucifixos que são agora num sei se, muitos não são brasileiros, né? Vieram pra Recife,,

naquela época que tudo se comprava no Recife, no, fora no este, na Europa, né? Então a gen, quer dizer, o recifense mandava comprar tudo e tinha uma vantagem muito grande porque era perto, né? Mas voltando à descrição da Capela Dourada, bem eu num, num sou...

[As partes...]

— As partes da Capela?

[É.]

— Bem, a capela tem o altar, tem o... va, como é? Naquela época da multiplicação das imagens, num a Capela num foi feita depois do Vaticano II, então ela tem cheia de altares, cada um com sua imagem, os retábulos pintados, os, os, o teto também pintado. Hoje tem uma iluminação indireta muito bonita, né? Tem os bancos também trabalhados autenticamente. RISO.
Me lembrei, se vocês permitem variar agora, eu me lembrei que a, quando vovó morreu e nós desmanchamos a casa dela, Airton Costa Carvalho brigou com a gente porque a gente desmanchou aquela casa. Porque minha vó tinha uma casa que era absolutamente autêntica, ela era muito conservadora, né? Da, da porta da casa até o fim, quer dizer, todos aqueles, aqueles

móveis não eram estrangeiros, as, os objetos é que eram estrangeiros, mas os móveis eram feitos aqui, trabalhados e todos autênticos, todos iguais, to... as cômodas, e os, quer dizer, os ricos viviam muito bem no Recife, há muito tempo. Que que vocês querem mais?

[Já que nós estamos falando em igreja, fale sobre o ININT.]

— Roupas. Ah! roupas, que coisa engraçada, as coisas que vovó guardava. RISO. A roupa, a mu, a mulher recifense antiga, né? que vivia coberta da cabeça aos pés, e com aquela, e até o próprio formato do corpo, né? variava, não sei como era aquilo, né? A anatomia feminina, né? As mulheres eram, tinham então elas usavam, usavam todas aquelas roupas, aquelas saias, aqueles espartilhos e aquelas coisas, né? e hoje a coisa tá completamente mudada, né? Hoje a, a...

[Gostaria que você ININT. as roupas do padre.]

— Hein?

[As roupas do padre, que o padre usa.]

— Ah! as roupas que o padre usa, padre usava ou usa, né? Ele hoje, ele usava, ele usava, usava para, não, batina, né?

Era a roupa que ele usava. Acho que por dentro era roupa
 igual a qualquer outro homem, não sei. Nunca vi padre usar
 batina, pra mudar a roupa, mas desconfio que era a mesma roupa.
 Agora, na hora do culto, então, era um tal de de imitar o
 romano, né? Parece aquela casula, aquela como é, e será que eu
 me lembro? Eu sabia aqueles nomes todos, né? Como é? Alva,
 sobrepeliz, casula, RISO, o que é mais que ele usava? Ah!
 manípulo, eu sabia, porque eu sempre fui muito de igreja, né?
 É, é isso aqui é manípulo, né? Uma rou... uma roupa, e e que
 era mais que ele usava? Pera aí, ele botava primeiro uma alva,
 depois amarrava com um singudo mas isso tudo nem era, era, era
 coisa que eu aprendi no catecismo, né? Ainda, num sei se ainda
 me lembro. Depois botava uma casula por cima, depois botava
 uma estola, a estola tinham dois lado, quando ia confessar,
 botava a marrom; quando ia pra festa, botava o branco; era um
 requinte, né? Que hoje eles estão reduzindo ao máximo: dentro
 de uma igreja adaptada à realidade, são principalmente no
 Nordeste. Isso a gente sente, é um para uma pessoa religiosa é
 um progresso imenso, né? Quer dizer, a Igreja no Nordeste é
 muito mais avançada, adaptada ININF. no Recife, é muito mais

adaptada à, à realidade do Recife do que outras partes mais...
mesmo mais adiantadas.

[Os artigos religiosos. Dos artigos religiosos.]

— A imagem do que, a vela, o crucifixo, o turíbulo, o a
o ostensório, as, os esses objetos todos ainda hoje são
usados, né? Muito menos, porque não se dá mais tanta
importância àquela pompa religiosa, né? Se faz, as as
cerimônias religiosas mais simples, mas ainda, e ainda existe
nas igrejas, existe também o cálice, a patena, as galhetas.

[Que é que você acha da ININF. ?]

— Eu acredito que quando a gente lê, a tá ao par da
imprensa internacional, a violência mesmo, a reação de de
pessoas que estão, estão agindo pela violência mesmo, ainda é
relativamente pequena, se a gente considerar a ação e a
reação, ainda é muito pequena e acredito que seja até sinal de
total demissão popular, porque apesar disso existe muita
violência, né? Existe mas, por exemplo, ainda não existe rapto
de criança, que eu acho que é a violência mais violenta que é
possível. Pelo menos, entre nós, ainda, ainda num está
instaurado. Existe o simples furto e a agressão pra furto.

Ora, como é que podia deixar de existir? Uma terra miseráveis e que não, não tem o mínimo pra viver? Mas eu acredito que, quer dizer, a arma típica do, do, do recifense é a peixeira, né? Arma com nome de de trabalho honesto, né? Quer dizer, num, num ININT. , o homem que vendi peixe, que precisava de uma faca amolada pra cortar, às vezes, usa essa peixeira pra agredir. E... mas eu acho que num num sei se pode caracterizar hoje o Recife como uma cidade violenta, dentro, dentro... da da situação de outras cidades do Sul, de outras cidades, outras cidades do mundo inteiro, num se pode, eu acredito que uma... uma "blackout", uma, uma crise de eletricidade num, num criaria nunca a tragédia como aconteceu em Nova York, porque as pessoas, naturalmente, não ia, não teriam aquela idéia tão violenta de agredir, de se aproveitar daquele momento. Não sei se isso é positivo ou negativo, talvez um povo um pouco mais violento forçasse soluções mais rápidas para os problemas daqui... do povo. Mas eu acho que, é isso que eu acho. Agora, por exemplo, que, qual é, hoje em dia e, quer dizer, com com que dinheiro uma pessoa vai comprar um revólver, uma arma de fogo? A não ser que aconteça como

aconteceu com meu sobrinho, que o vigia foi roubado do seu revólver, depois de ter sido roubado num sei quantas vezes. O grande crime da do Recife é o roubo, né? Eu acredito que mesmo o crime de morte no Recife propriamente não é, principalmente se a gente tem o sertão, com muito mais violência, né?

[ININT. com os problemas sociais?]

— Bem, esses problemas sociais do Recife, eu já andei falando, porque é a gente tragédia, né? A gente sentir um grupinho pequeno, do, do recifense, tem uma vida humana digna. Um grupo tão pequeno, que a gente fica, às vezes, escandalizada como a cidade ainda é pequena, apesar de ter passado de um milhão de habitantes, mas é porque, desse milhão, se a gente fosse retirar parte dos misérraveis, de pessoas subempregadas, de pesso... de desempregados, marginais, o grupo que fica vivendo realmente, tendo uma vida... uma vida de gente, não seria tão grande assim. Então continua a ser aquela cidade que uma pessoa como eu que aqui nasci, aqui vive a vida toda, conheço quase todo mundo. É raro a gente... num certos meios encontrar pessoas totalmente estranhas. Por quê? Porque a

distribuição de renda no Recife, e há até um estudo há pouco tempo é qualquer coisa de trágico, né? O nível de remuneração que a maioria da população recifense tem é uma coisa que... faz a gente dizer: "vive de teimoso", né? Se a gente fizer uma comparação entre os preços de alimentos básicos, absolutamente necessário pra viver bem, aí então vem todo aquele problema de saúde, todo aquele problema... que não é problema de saúde, é problema de alimenta... de meios para viver, não é só de saúde. Ainda ontem um colega me falava da do número de pessoas que vai fazer eletrocefalograma e o que tem é fome, quer dizer, os, os, dos, dos desmaios, as tonturas, as coisas que o médico e a pessoa fica assustada, pensando que é epilepsia ou qualquer coisa grave, que é direto e simplesmente fome. E a gente basta fazer passar num supermercado fazer uma conta ligeira e comparar com o salário mínimo pra num num se espantar de que a coisa seja mais. Agora, isso significa que o recifense em geral tá mais pobre? Não. Existe muito Recife... quer dizer, muito alguns recifenses que estão cada vez mais ricos. Então o problema fundamental é o problema de distribuição de renda, que na

nossa organização econômica capitalista é terrível, cada vez o rico fica mais rico, cada vez o pobre fica mais pobre, numa cidade como o Recife, que é metrópole duma região como o Nordeste, esse drama vai, toma a proporções terríveis. Isso numa situação política que o povo não influi, num pode fazer pressão, num pode gritar, num pode fazer nada, é óbvio que ninguém vai (es)ta(r) ININF. , é absolutamente utópico pensar que as pessoas vão sair do seu conforto, da sua situação boa, pra resolver. Então por isso é que eu dizia: que acho que a violência no Recife é até pequena, porque seria perfeitamente explicável se o povo fosse mais violento, e num acredito que seja porque o povo seja bom, o bonzinho. É porque o povo acho que num tem mais nem força pra falar e pra gritar...

[E o problema do menor...]

— Ai, num me fale! O problema do me, o problema do menor abandonado no Recife é trágico, né? E eu convivi com eles muito de perto por causa da OAF — Organização de Auxílio Fraternal. E quando foi fundada, é, fomos procurados eu e meu irmão, pelo, pelo, pelo padre que queria abrir e nós tínhamos por coincidência um terreno na Rua da Saudade, que

tava desocupado. Nós cedemos. Então, o clubinho da OAF, surgiu no, no quintal, no quintal de vovó. E nesse quintal que eu tinha crescido, né? Com toda aquela situação de menina que como, que estuda, que passeia, que viaja, que tem seu piano pra tocar, seus discos pra ouvir, eu vi coisas que ninguém pode imaginar a situação. Andei. Andei a Rua da Saudade com uma criancinha de seis anos, tentando fazer com que ela não pegasse um buxa de automóvel e bebesse gasolina pra cheimar. Tive na minha casa um menor de catorze anos porque a OAF achava que os meninos que num precisava, num podiam ficar só, no Clubinho, tinham que ter outras amizades. Então ficar, esse menino ficou nosso amigo, frequentando a nossa casa, amicíssimo meu, a ponto de, eu achava graça, nunca o meu carro foi tão bem cuidado, nunca eu fui tão defendida de malcriação de sobrinho, porque ele não admitia que ninguém me dissesse uma palavra mais áspera, dizia "como é que você trata assim sua tia?" No entanto, esse menino de noite entrava na minha casa e roubava. É absolutamente impossível ele não roubar, porque ele passou, tinha passado, o pessoal da OAF, chegou a essa conclusão, depois de quatro, cinco anos de roubo, não há mais

recuperação. E existe milhares de crianças que estão ININT., porque depois de uma criança colocada na situação, quatro ou cinco anos... ININT., é como dizia Dom Inácio, que até na igreja, né, se esse menino entra na igreja, e o sacristão bota pra fora, é porque esse menino vai roubar e vai mesmo. Então essa criança tá inteiramente perdida. Então esse menino entrava de noite lá em casa e roubava. Um dia eu fui chamada pelo vizinho, chamou a rádio-patrolha e nós percebemos perfeitamente, inclusive muito, o que mais faz pena é isso, né? Tão hábil, que imaginou a forma de entrar e sair, se o vizinho não tivesse visto, ele entrava e saía a vida toda, a gra... Afastava a grade, e a gente ficava "como esse menino entrou? Num é possível!" Na parte de cima, a grade fazia um triângulo e ele entrava, calmamente. Quer dizer, isso continua cada vez pior, né? Isso ININT. experiências são antigas, são duns dez anos atrás, e eu acredito que a situação só deve ter piorado, né? Eu me lembro também da, ^{de} quando minha cunhada resolveu fazer uma, uma comida pros meninos que pediam comida na rua e ^{que} teve que suspender, que quando ~~começou~~ pelo bairro que havia uma ~~do~~ que fazia comida, ⁽¹²⁾ juntava tanta criança, começaram a jogar

pedra e os vizinhos começaram a reclamar, ^{e:} quebrar vidraça, e:
 uma vez bateu quase que uma pedra na cabeça do, ^{((R1))} do vizinho.
 Quer dizer, é uma situação terrível, não sei como ININF. se
 não estamos conscientes desse, dessa tragédia, porque essa
 violência que a gente ainda diz não é tão grave no Recife,
 quando essas multidões de crianças se tornarem adultos, fortes,
 como é que vai ser? Eles têm de arranjar um jeito de pegar
 uma arma qualquer, ou então passam a usar a própria mão, mas é
 é uma inconsciência total do recifense que tem o, que vive
 bem, deixar tanta criança assim. E como há mais, uma, uma, a
 OAF tem outra experiência interessante do, das crianças que
 trabalham, né? É um negócio terrível, verdadeiros heróis, e
 apesar de tudo, eles há uns que têm casa, os que têm família,
 e que ainda lutam pra viver honestamente, então crianças de
 seis, sete, oito anos, tinha um caso de um menino que ficava
 com uma chaga na cabeça ININF. , não sei o quê, não sei se
 era uma lata qualquer, uma coisa qualquer que ele trabalhava,
 que era o trabalho dele, e então, é realmente a situação
 social do Recife, é qualquer coisa que a gente não pode falar
 não, senão a gente não fala não, passa a chorar.

[ININT. E os estabelecimentos comerciais?]

— Bem, estabelecimentos comerciais tem as lojas, hoje em dia tem tem as butiques, a tem o supermercado, acabaram-se com as vendinhas de, de arrabalde, né? Mas tem o mercado, tem a feira, tem a o tipo de loja que vai mudando, vai se tornando cada vez mais loja de departamento, quer dizer, ca... a concentração do dinheiro faz com que o pequeno comércio vá se acabando. Então temos, antigamente, era as lojas especializadas, né? Tinha loja que vendia fazenda, tinha loja que vendia móveis, tinha loja que vendia outros objetos, eletrodomésticos. Agora, essas coisas tão se concentrando, né? E tende a ter aquelas grandes lojas onde a gente compra tudo o que quer e, não sei, outros estabelecimentos comerciais, além de loja, além do comércio propriamente dito, né? tem Banco, mas eu sou tão fraca nesse ponto que eu acho que eu nem sei.

[ININT.]

— Ah! Eu num compro carne ^{não} porque eu trato em casa, mas eu ouço falar que ainda há açougue, né? Perto da da minha casa. Muita gente compra carne no supermercado, mas lá em casa acho que ainda é no açougue que se compra. Tem o açougueiro que

vende a carne, que...

[E os preços?]

— Ah! Essa é a grande tragédia! Ah, ai meu Deus, imagine ainda ontem eu vi, né? o povo guerra do qual, a luta do povo contra a inflação, maior inimigo do Brasil. Como se o povo pudesse fazer alguma coisa, pechinchar, pedir. Como? ININT. O comerciante que tá só enriquecendo, não é, é toda uma estrutura, pechinchar, pedir abatimento. Bem, realmente existem pessoas que sabem pe, pedir abatimento, pechinchar mais do que outros, mas eu sou péssima nisso, num sei pechinchar, me dá uma agonia ver aquela pessoa trabalhando, precisando ganhar o dinheiro dele, afinal de conta eu posso pagar o que ele tá pedindo, por ^{que} que é que eu vou pedir abatimento? Desconto, pedir desconto, pedir, num sei...

[ININT.]

— Bom, a crédito, quer dizer, comprar a vista, né? Ou comprar a crédito. Ter o crediário, é tem gente que vive no crediário, e eu sou censurada pela minha família porque num sei comprar a crédito, eu gos... prefiro juntar o dinheiro e comprar uma coisa, já que eu tenho o necessário, qualquer coisa.

eu junto o dinheiro. Isso me traz dificuldade porque o o
siste, o ININT, tá de tal forma espalhado, que se eu um dia
quiser comprar a crédito, quer dizer, "onde a senhora comprou?"
- Faz dez anos que eu num compro a crédito, faz cinco anos
que eu num compro a crédito. "-Então a senhora num pode
comprar a crédito." - Mas num é possível, eu provo que sou
uma pessoa honesta, que pago minhas coisas em dia. Então o
crediário é a vida do da pessoa da classe média, né? Que quer
quer manter um certo nível, um certo "status" social, e que
num num tem condições de comprar. Eu também num entendo muito
dessa história, não, mas os consórcios de automóvel, até tou
agora metido num consórcio de automóvel, meu sobrinho entrou,
num queria mais, passou pra mim, mas há ^{os} consórcios de
automóvel, há os, os crediários, né? A pessoa compra a vista,
compra a prazo, não se fala mais na, comprar a prazo, né?
Se fala no crediário. Acho que é simples, cartões de crédito,
num se, num entendo muito disso, não, porque num uso... Tá
bom?